

CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO INTERDISCIPLINAR PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

¹Alba Regina Battisti de SOUZA

²Ary OLIVEIRA Filho

³Elizete Vieira VITORINO

⁴Fernando Jacó ANDERLE

⁵Joffre Wendhausen VALENTE

⁶Jolmar Luis HAWERROTH

⁷Juarez Jonas THIVES Júnior

⁸Patrícia VENDRAMINI

¹Licenciada em Pedagogia, Especialista em Fundamentos da Educação, Mestre em Educação (PUC/RS) Doutoranda em Eng. de Produção/UFSC, Profa. do Curso de Pedagogia – Hab. em Tecnologia Educacional e Treinamento Empresarial da Universidade do Vale do Itajaí - SC.
e-mail: alba@big.univali.br

²Bel. em Administração, Bel. em Ciências Econômicas, Mestre em Administração - Universidad de Álcala de Henares/Espanha, Doutorando em Eng. da Produção/UFSC, Prof. e Coordenador do Curso de Administração Geral da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina
e-mail: ary@sc.estacio.br

³Eng de Produção Civil - Mestrando em Administração - Prof. e Coordenador do Curso de Administração com Hab. em Comércio Exterior da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina
e-mail: fernando@sc.estacio.br

⁴Bel. em Administração, Economista, Mestre em Administração, Doutorando em Eng. de Produção/UFSC, Prof. do Centro de Ensino Superior (UNICA), Prof. e Coordenador do Curso de Administração com Hab. em Administração de Cidades da Faculdade Energia de Administração e Negócios (FEAN)
e-mail: joffre@fesag.br

⁵Bel. em Ciências da Computação, Mestre em Administração, Doutorando em Eng. de Produção/UFSC, Prof. e Coordenador do Curso de Administração com Hab. em Gestão de Sistemas de Informação da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina.
e-mail: jolmar@sc.estacio.br

⁶Bel. em Ciências da Computação, Especialista em Organizações, Sistemas e Métodos, Mestre em Administração, Doutorando em Eng. de Produção/UFSC, Professor da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina. Prof. e Coordenador Geral de Prática Pedagógica do Curso de Pedagogia – Hab. em Tecnologia Educacional e Treinamento Empresarial da Universidade do Vale do Itajaí - SC.
e-mail: thives@sc.estacio.br

⁷Bel. em Administração, Mestre em Eng. de Produção, Doutoranda em Eng. de Produção/UFSC, Profa. e Coordenadora de Avaliação Interdisciplinar da Faculdade Estácio Sá de Santa Catarina.
e-mail: pvendramini@sc.estacio.br

Endereço para correspondência: A/C: Jolmar Luiz Hawerth
Rua Leoberto Leal 431 – Barreiros - São José – Santa Catarina – CEP: 88117-001
Telefones: 0xx48 381 8000 – 0xx48 9969 4303

RESUMO

Este artigo trata de um estudo que tem como objeto a implantação de um processo avaliativo pautado nos princípios da interdisciplinaridade. Tendo como referência principal as experiências que vêm sendo realizadas sistematicamente na Faculdade Estácio de Sá – Santa Catarina a partir do primeiro semestre de 2001.

Palavras-chave: educação; avaliação; interdisciplinaridade.

1. INTRODUÇÃO

“Caminhamos hoje, em direção à pesquisa de uma razão aberta, e não mais de uma razão fechada nos princípios da lógica clássica. É preciso tentar penetrar nesse universo novo” (Edgar Morin).

A Faculdade Estácio de Sá se instalou em Santa Catarina em agosto de 2000 com o propósito de formar além de profissionais competentes, cidadãos. A convergência entre a proposta de formação ampla e os fundamentos da interdisciplinaridade fizeram com que a instituição iniciasse a construção de um processo de avaliação da aprendizagem baseado na integração dos conhecimentos.

Trata-se de uma forma diferenciada de avaliação do processo de ensino-aprendizagem, que se propõe a romper com a clássica forma de perguntas e respostas, com o ciclo maniqueísta que só estabelece o certo e o errado, o falso e o verdadeiro, exigindo respostas que evidenciam a simplista ação de memorização de fatos, idéias, datas ou fórmulas, pressupondo uma visão fragmentada do conhecimento.

Esta forma de avaliação não incentiva o aluno a argumentar, a criar, a pensar, a estabelecer relações e a refletir a respeito dos conceitos apreendidos. Por outro lado, o mercado de trabalho cada vez mais exige dos profissionais a capacidade de compreender a realidade socioeconômica e cultural de forma global e não fragmentada, incentivando a atuação em equipes interdisciplinares, com atitudes de responsabilidade social, justiça e ética profissional.

Uma das formas de se viabilizar esta formação crítica e reflexiva se dá, sem dúvida, através da estratégia de ensino e do processo de avaliação utilizado. Entretanto, a avaliação do ensino-aprendizagem tem sido uma das atividades mais complexas e polêmicas entre as atividades atribuídas ao professor. Cada professor com seus alunos acaba por constituir um sistema próprio, desarticulado de um propósito comum.

A Prova Interdisciplinar, desenvolvida pela Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina, fundamenta-se numa tentativa de proporcionar ao acadêmico uma visão globalizada de situações que requer interpretação, solução e integração de conteúdos. E ainda, enquanto processo sistemático de avaliação tem a pretensão de oferecer subsídios para esclarecer e aprofundar a análise do curso, contribuindo para a melhoria do padrão de ensino. Além disso, essa estratégia de avaliação tem como objetivo tornar-se um diferencial competitivo em seus projetos pedagógicos.

2. FUNDAMENTOS DA INTERDISCIPLINARIDADE

Os currículos dos cursos de graduação em Administração, em geral, ainda estão organizados sob a perspectiva tradicional - caracterizados pela distribuição de disciplinas de maneira fragmentada e sem o intuito de promover uma integração entre as áreas que os compõem, o que ocasiona uma aprendizagem voltada mais para aquisição de conceitos amorfos, do que para uma formação integral do ser humano.

Para Santomé (1999), vivemos numa sociedade em que as dimensões financeiras, culturais, políticas, ambientais e científicas são interdependentes, nenhum aspecto pode ser compreendido de forma isolada, independente das demais.

Se buscarmos educar cidadãos, para terem uma atitude crítica, compromissada socialmente, como possibilitar isso num currículo fragmentado, em que as disciplinas estão contidas em “celas”, muitas vezes incomunicáveis entre si e com o mundo?

De acordo com Alarcão (2001, p. 19), a educação ainda está fortemente marcada pela disciplinaridade, o que dificulta a preparação para viver a complexidade da atualidade – prepondera o pensamento lógico-matemático e o racionalismo, não potencializando o desenvolvimento global do ser humano.

Apesar da urgência atual em revisar-se as estruturas nas quais estão organizados os currículos, autores como Pestalozzi, John Dewey, Montessori, Decroly, Freinet, Kilpatrick e Neil entre outros do início do séc XX, podem ser considerados como precursores na defesa que os conteúdos devem ser selecionados a partir de necessidades e interesses dos educandos, e a potencialização das capacidades de resolver problemas reais, nos âmbitos pessoais, sociais, emocionais e cognitivos.

Esse movimento pedagógico, em prol de um currículo mais integrado e voltado para uma maior democratização da sociedade conviveu com uma transformação do modo de produção da época, influenciada pela teoria de Frederick Wisnlow Taylor (Taylorismo), que prescrevia a divisão técnica e social do trabalho, enfatizando a separação entre o trabalho manual e intelectual e pela criação da linha de montagem na fabricação de carros por Henry Ford, ambas baseadas na fragmentação das atividades laborais e na excessiva especialização via repetição contínua.

Santomé (1999, p. 13) observa que “esse processo de desqualificação e atomização de tarefas ocorrido no âmbito da produção e da distribuição também foi reproduzido no interior dos sistemas educacionais”.

Sabe-se que os modelos de produção tayloristas e fordistas na década de 50 deram sinais de crise e que outras teorias foram surgindo, baseadas na flexibilização, na descentralização, autonomia e na valorização do ser humano, difundidas principalmente nos anos 80 e 90.

A evolução do saber científico nas diversas áreas, sob forte influência do positivismo, também foi marcada pela excessiva compartimentação, desconectados entre si chegou a tal ponto que é impossível negar a necessidade de buscar-se alternativas integradoras. Conforme Zabala (2002, p. 24) relata, “Atualmente, desenvolvem-se seguindo dois caminhos aparentemente antagônicos: a superespecialização, por um lado, e a busca de modelos sistêmicos e integradores com diferentes graus de interdisciplinaridade, por outro”.

A interdisciplinaridade surge como possibilidade de, mesmo reconhecendo as fronteiras das diversas áreas e ciências, criar caminhos que levem à co-relação, em que conexão, troca, parceria e unidade são premissas básicas, porém sem desconsiderar a diversidade.

Pode-se considerar a interdisciplinaridade com um conjunto de princípios que defende a articulação entre saberes, teorias e ciências, em prol de uma visão mais integrada de sociedade e ser humano. Dessa forma, *a priori*, não pode ser compreendida como uma metodologia pedagógica ou de ensino, mas como uma referência ou indicativo para o redimensionamento da estrutura curricular, planejamento, avaliação e outros componentes do processo ensino-aprendizagem.

Há várias possibilidades bastante difundidas e já sistematizadas de métodos pedagógicos integradores, que buscam atender os princípios da interdisciplinaridade, como projetos de trabalho, temas geradores, transversalização curricular, currículo por atividades, entre outros. Segundo Zabala (2002, p. 36),

O enfoque globalizador pretende oferecer aos alunos os meios para compreender e atuar na complexidade. Parte da idéia de que somente é possível dar respostas aos problemas complexos com um pensamento global capaz de construir formas de aproximação com a realidade e que superem as limitações procedentes de algumas disciplinas extremamente compartimentadas.

Faz-se necessário uma breve apresentação conceitual do nível de interação entre as áreas ou disciplinas, até a interdisciplinaridade, a seguir expostos, de forma adaptada a partir de Santomé (1998) e Zabala (2002):

3. multidisciplinaridade: organização de conhecimentos mais tradicional.

Os conteúdos escolares são apresentados por matérias independentes umas das outras;

4. pluridisciplinaridade: há relações complementares entre as disciplinas afins.. Ex. Histórias (da ciência, da arte, da literatura...);

5. interdisciplinaridade: interação de duas ou mais disciplinas. Implica no compromisso de elaborar um contexto mais geral em que uma disciplina depende da outra, resultando em intercomunicação e enriquecimento recíproco;

6. transdisciplinaridade: grau máximo de relações entre disciplinas, busca constituir uma ciência que interprete a realidade sem fragmentações;

7. metadisciplinaridade: não implica numa dependência direta de alguma disciplina, refere-se a uma ação global sobre algo. Os temas transversais podem ser situados nessa visão.

Conforme Santomé (1998, p. 73-74), “Alunos e alunas com uma educação mais interdisciplinar estão mais capacitados para enfrentar problemas que transcendem os limites de uma disciplina concreta e para detectar, analisar e solucionar problemas que transcendem os limites de uma disciplina concreta e para detectar, analisar e solucionar problemas novos”. E aponta uma série de finalidades da interdisciplinaridade na atualidade (Santomé, p. 83):

1. desperta interesse e curiosidade dos estudantes pois o que se estuda está sempre vinculado a questões reais e práticas, estimulando os sujeitos a analisarem os problemas nos quais se envolvem, e procurar soluções para os mesmos;
2. permite a adaptação à mobilidade e flexibilidade nas futuras atividades profissionais, contribuindo para o pensar e agir interdisciplinarmente;
3. favorece a integração institucional. Os educadores participam de uma equipe com metas comuns;
4. permite abordar conhecimentos e questões que não estão ligados especificamente a uma área, mas a todas, como ecologia, educação sexual, guerra e paz, discriminação, por exemplo.

As palavras de Lück (1996) ilustram a articulação da interdisciplinaridade com a educação:

[...] interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e o engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas, do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos a fim de que possam exercer criticamente a cidadania mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

A avaliação numa perspectiva interdisciplinar, questão maior desse artigo, vem a corroborar com os princípios da integração do processo ensino-aprendizagem. Assim, passa a ser compreendida como um meio, e não como um fim, um instrumento – representando a possibilidade de instigar o educando a mobilizar conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes a diversas áreas e disciplinas em prol da resolução de algum “problema” ou da interpretação de uma situação ou fenômeno.

Quanto aos educadores, possibilita uma maior articulação na organização e desenvolvimento das atividades avaliativas, o que também implica num redimensionamento metodológico.

A interdisciplinaridade e seus desdobramentos nas diversas áreas de atuação do ser humano, entre elas, a educação ainda representa um caminho a ser desbravado, porém sabe-se que um dos princípios mais enfatizados, é que não se percorre só, é uma caminhada coletiva em que a cooperação e a tolerância são essenciais para se chegar a um lugar que com certeza se descortinará em muitos outros.

3. A EXPERIÊNCIA DA FACULDADE ESTÁCIO DE SÁ DE SANTA CATARINA

“Uma caminhada de mil milhas,
começa com o primeiro passo”.

Na Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina este passo já foi dado ao introduzir oficialmente a Prova Interdisciplinar nas suas atividades curriculares. A seguir descrevemos as três experiências realizadas desde o primeiro semestre de 2001.

3.1 – Primeiro semestre de 2001

A primeira Prova Interdisciplinar, realizada em 26 de junho, no final do primeiro semestre letivo de 2001, com certeza foi o início de uma experiência pioneira para a consolidação da filosofia interdisciplinar com vistas à realização do provão do MEC ao final do Curso. Nesse momento a Faculdade contava com 326 alunos e 22 professores.

As questões foram elaboradas de forma independente e reunidas em um só documento. A prova teve caráter facultativo, de modo que os alunos que optaram em fazê-la, substituíam uma nota da última prova realizada no semestre.

Todos os professores participaram da correção da prova, restrita à sua questão. A nota era calculada a partir da média aritmética de todas as questões, pois cada uma delas tinha o mesmo peso e valor.

Esse processo, sob a ótica dos professores, destaca a dificuldade em adotar novas práticas. O depoimento abaixo retrata essa situação:

“Como toda mudança, gerou polêmica no corpo discente, inércia e contraposição do corpo docente. Desta forma, a comissão responsável pela implementação da nova filosofia teve que elaborar uma estratégia para transpor as dificuldades relatadas. Primeiramente, fazer ver ao corpo docente e corpo discente que o processo seria fundamental para qualificação dos egressos e reconhecimento futuro do MEC e do mercado de trabalho. Outra constatação foi a dificuldade encontrada tanto pelos professores na elaboração da prova, já que as questões deveriam envolver conhecimentos de diversas áreas afins, quanto pelos alunos em compreender que a filosofia interdisciplinar poderia envolver a ligação de diversos conteúdos programáticos na sua resposta” (Depoimento coletado junto ao professor da disciplina de Informática).

Isso mostra a necessidade de uma mudança de mentalidade, uma reformulação nas práticas didático-pedagógicas adotadas até o momento. Quanto ao resultado, o relato seguinte destaca as limitações operacionais e conceituais da proposta interdisciplinar:

Por último, cabe uma crítica ao resultado final da primeira experiência, não se conseguiu a elaboração de uma prova verdadeiramente interdisciplinar, muitas das questões envolviam conteúdos eminentemente estanques ou compartimentados” (Depoimento coletado junto ao professor da disciplina de Informática).

Como é possível perceber nessa primeira tentativa, caiu-se na armadilha da especialização, pois os conhecimentos continuavam estanques. Houve uma justaposição dos conhecimentos sem a integração devida. Para os alunos ela foi uma oportunidade de aumentar o índice obtido em cada disciplina, pois o resultado da Prova Interdisciplinar poderia substituir a nota da última prova bimestral de uma disciplina, caso esta tenha sido inferior àquela.

“O primeiro ponto positivo é que ela ocorreu no fim do semestre, e por isso nós alunos já tínhamos estudado para todas as matérias, não tínhamos mais trabalhos para entregar, e estávamos a par de nossa situação quanto às notas, o que nos deu tranquilidade. O segundo ponto positivo, que é consequência do primeiro, é que essa prova da forma como foi realizada tinha um caráter de premiação, visto que os alunos que tinham boas notas e já estavam matematicamente aprovados tiveram a oportunidade de melhorar suas notas e principalmente testar seus conhecimentos; e os que não tinham sido aprovados tinham uma segunda chance para serem aprovados sem exame final. Quem era indiferente não tinha a obrigação de resolver a prova. O ponto negativo era que muitos resolviam só a questão da disciplina na qual precisavam de uma nota melhor, o que eu acho que não seria muito justo com aqueles que se esforçaram o semestre inteiro, e que poderia gerar um vício muito negativo” (Depoimento coletado junto ao aluno Thiago Araújo, 3ª fase do curso de Administração habilitação em Gestão de Sistemas de Informação, vice-presidente do Diretório Acadêmico).

Essa experiência ampliou a perspectiva de construir uma Instituição de Ensino que proporcione efetivamente uma sólida formação ao acadêmico.

3.2 – Segundo semestre de 2001

A segunda versão da avaliação sofreu reformulações amplas. Ela ocorreu no semestre seguinte, em 19 de novembro de 2001, e compôs as avaliações regulares de todas as fases, assumindo caráter obrigatório, cujo peso era definido pelos professores individualmente. Nessa fase, a Faculdade chegava ao número de 547 alunos e 35 professores, incluindo-se o curso de Turismo que também era submetido à Prova Interdisciplinar.

A coordenação da Prova Interdisciplinar ficou a cargo de duas professoras com experiência na área metodológica e avaliação institucional. As professoras foram responsáveis pelo ajuste na linguagem, nos enunciados e no padrão de resposta esperado, já que havia um texto específico em cada fase para embasar a elaboração das questões.

Novamente, a correção envolveu a presença de todos os professores e a nota foi obtida com base nos mesmos parâmetros, somando-se o valor de cada questão, dividindo-se pelo número de questões e adquirindo-se a média. A nota final da prova foi computada em todas as disciplinas cursadas pelos alunos.

As impressões do coordenador de curso da Faculdade sobre a construção da prova deste semestre, teve o seguinte aspecto:

“No que se refere à segunda prova, muitos foram os avanços alcançados. As resistências foram minimizadas, principalmente por parte da maioria do corpo docente que se engajou na disseminação da filosofia interdisciplinar entre o

corpo discente, e na elaboração da prova. Nesta fase, conseguimos consolidar a elaboração de questões baseadas em estudos de caso. Constatamos também que as questões evidenciavam a ligação entre os conteúdos ensinados no semestre. Apesar dos esforços, ainda encontramos resistências entre os discentes da Faculdade” (Depoimento coletado junto ao coordenador do curso de Administração com habilitação em Gestão de Sistema de Informação).

Outro depoimento ressalta a inconveniência da data em relação ao cumprimento do conteúdo programático do semestre e ao sentimento gerado pela iminência de uma prova com tamanha complexidade:

“Os alunos associaram a prova ao término do semestre, o que diminuiu sobremaneira a frequência dos alunos em sala. Apesar disso continuamos ministrando as aulas com as devidas atividades curriculares. [...] De fato quando nos submetemos a qualquer prova, ficamos muito apreensivos ainda. Estamos empenhados em mudar a concepção do que eles percebem como avaliação de aprendizagem, valorizando-a como uma referência da assimilação e construção do conhecimento” (Depoimento coletado junto à professora da disciplina Teoria Geral da Administração II).

Para os alunos o processo tem outras implicações. Isso mostra a importância de manter um processo transparente e coeso entre o corpo docente, pois é ele quem irá repassar a confiança que o aluno necessita para ter um bom desempenho.

“A prova [...] trouxe questões que tinham alguma relação umas com as outras, havendo realmente uma integração de algumas matérias, mas ainda não uma interdisciplinaridade que pudéssemos considerar cem por cento. Nessa segunda P.I. identifiquei alguns problemas graves para os alunos: as questões abordadas na prova eram muito subjetivas e outras possibilitavam mais de uma linha de pensamento científico. O aluno encontrava-se mais ou menos na seguinte situação: Não sei quem vai corrigir a prova; o Professor A adota a linha X, o professor B adota a linha Z e o professor C defende um meio termo entre essas duas linhas de pensamento. E agora, como vou formular minha resposta?” (Depoimento coletado junto ao aluno Thiago Araújo).

Diferentemente do provão aplicado pelo MEC, a prova continuou não acumulativa entre os semestres, primando pela horizontalidade, até que se possa avançar à verticalidade entre as disciplinas. Tal característica requer uma melhor preparação e conscientização dos professores na elaboração da avaliação interdisciplinar, visto que tal prática também não deve resumir-se em um momento de avaliação.

3.3 – Primeiro semestre de 2002

A instituição passou pela sua terceira experiência para elaboração e aplicação da Prova Interdisciplinar no dia 22 de junho de 2002. Nesse momento a Faculdade contava com 870 alunos e 64 professores.

Desde a primeira reunião do semestre letivo, em fevereiro de 2002, os professores foram convidados a compartilhar seus conteúdos com os demais professores, inclusive de outras fases, informando cada tópico a ser trabalhado na sua

disciplina. Nesta ocasião, os professores puderam encontrar as afinidades entre uma disciplina e outra, favorecendo a elaboração de questões que pudessem abranger o conhecimento de mais de uma área da ciência.

No mês seguinte, constituiu-se a comissão da Prova Interdisciplinar, composta de cinco professores, além das coordenadoras que trabalharam no semestre anterior na concepção e implementação da avaliação. Essa comissão seria responsável pela elaboração da Prova Interdisciplinar com base nas questões enviadas pelo professor de cada disciplina.

Escolhido e distribuído um texto base relativo a cada fase, cujo assunto estivesse diretamente ligado ao conteúdo ministrado no decorrer do semestre em cada fase. Assim, os professores encaminharam suas sugestões de questões, muitos deles se reunindo em pequenos grupos, para enviar questões de comum acordo.

Algumas questões permaneciam sem relação ao texto, momento em que cada professor era procurado e solicitado a realizar as devidas adequações a fim de que a Prova Interdisciplinar fosse uma convergência de olhares sobre o mesmo objeto. Essa situação também proporcionou a possibilidade de aproximação de conteúdos, pois o padrão de respostas esperado não raras vezes esteve muito próximo de outra resposta, complementando-se mutuamente.

A correção da prova, nesta etapa, foi realizada por um número menor de professores, dada a proposta de padronizar os critérios de correção, ligados aos padrões de resposta esperados definidos junto à elaboração da respectiva questão e agilizar ainda mais a divulgação das notas.

Para o coordenador do Curso de Administração com habilitação em Gestão do Sistema de Informação, uma das solicitações feitas pelos alunos foi sanada, a revisão de nota:

“Na primeira e segunda aplicação da prova interdisciplinar não foi permitida a revisão de nota, o que gerou uma série de reclamações por parte do corpo discente. Nesta última aplicação, a Comissão da Prova Interdisciplinar possibilitou os pedidos de revisão, desde que devidamente embasados com argumentos e citações bibliográficas. Desta forma, conseguiu-se minimizar uma das maiores reclamações da prova interdisciplinar”.

Os alunos, tomados pela expectativa da realização da Prova Interdisciplinar, procuraram os professores para solicitar esclarecimentos e propor sugestões. Grande parte da ansiedade demonstrada pelos alunos é gerada pelo resultado do desempenho no último semestre que comprometeu o índice já auferido nas disciplinas isoladamente.

“Foi muito interessante a estrutura montada para a aplicação da prova, que desta vez deu-se num sábado à tarde reunindo alunos de todos os turnos e cursos numa estrutura semelhante à do vestibular, o que garantiu a igualdade de avaliação entre os diferentes turnos, já que (semelhantemente à prova anterior) estava valendo nota, lembrando que as provas eram específicas para cada curso e fase. Desta vez o critério de participação da nota da P.I. na nota semestral de cada disciplina foi único e bem claro, equivalendo a um quarto da nota do semestre em cada disciplina. Isso ao menos nos dava uma noção da importância da P.I.” (Depoimento coletado junto ao aluno Thiago Araújo).

A persistência em implantar uma filosofia interdisciplinar tem surtido bons resultados, ao favorecer uma maior aceitação por parte dos alunos:

“De forma geral havia mais esclarecimentos em relação à prova por parte da comissão organizadora e dos professores nessa terceira Prova Interdisciplinar. Havia também um aprendizado proporcionado pelas experiências anteriores por parte tanto da organização quanto dos professores, assim como dos alunos, o que favoreceu um bom desempenho na resolução da prova. Faço por fim uma avaliação positiva desse esforço da Instituição e seu corpo docente e discente para uma P.I. melhor elaborada e mais eficientemente resolvida, observando ao responder essa prova que esse projeto de interdisciplinaridade está sendo a cada semestre aperfeiçoado e acredito que cada vez mais estará seguindo as tendências da atualidade de um sistema de ensino interdisciplinar e integrado” (Depoimento coletado junto ao aluno Thiago Araújo).

O relato de uma das coordenadoras da Prova Interdisciplinar, Professora Sonia Schuetze demonstra a abrangência dessa ferramenta:

“Cabe considerar que a Prova Interdisciplinar serve, também, de instrumento que incentive a adoção de medidas destinadas à melhoria da qualidade da atuação docente. O êxito de um processo avaliativo dessa natureza concentra-se na necessidade de investigar o ensino ministrado, refletir sobre ele, chamando todos a participar e refletir, pois, essa avaliação possui implicações pedagógicas que extrapolam o aspecto técnico e metodológico e atinge o comprometimento com o saber produzido. Sem a clareza do significado dessa avaliação, professores e alunos vivenciam intuitivamente práticas avaliativas que podem tanto estimular, promover, gerar avanço e crescimento, quanto podem desestimular, frustrar, impedir esse avanço e crescimento do sujeito que aprende” (Depoimento coletado junto à coordenadora da Prova Interdisciplinar, Profa. Sonia Schuetze).

4. CONCLUSÃO

O caminho está aberto para se aprender o novo e o desconhecido, em que professor e aluno possam trilhar as possibilidades da realidade e da percepção, ampliando as redes do conhecimento.

Finalmente, acredita-se nesta iniciativa da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina ao introduzir oficialmente a Prova Interdisciplinar, para que a cada acontecimento desta natureza seja possível agregar mentes iluminadas e docentes comprometidos com a Instituição e, principalmente, com nossa nação; precisamos formar antes de tudo, cidadãos éticos e responsáveis, críticos e engajados com a transformação da sociedade brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SANTOMÉ, Jurjo torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

5.1 Bibliografia Complementar

BIANCHETTI, Lucídio (org). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

BUSQUETS, Maria Dolors. **Temas Transversais em educação**: bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1999.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1993.

_____ (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____ (org.) **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 1995.

_____ (org.) **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2000

_____ (org.). **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2000.

YUS, Rafael. **Temas transversais**: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: ArtMed, 1998.